

O DEVER, AS OBRIGAÇÕES E A RESPONSABILIDADE NA DINÂMICA DO LIVRE-ARBÍTRIO

A Reengenharia da Alma e a Caminhada do Peregrino em Direção ao Espectro Crístico

Helio Abreu Filho. Escritor espírita. Sanitarista.
www.helioabreufilho.com.br

A música e a poesia surge em nossa vida como **alquimia espiritual**: - o momento em que a alma desarma o peito, pouso o escudo e permite que a beleza dissolva o peso da batalha.

Ele atua como um bálsamo de descompressão, permitindo que passemos da razão analítica para a assimilação afetiva e profunda do convite crístico.

A prosa poética e verso, desenhada especialmente para esse artigo, busca capturar esse movimento de entrega, fluidez e paz interior:

É muito bom desarmar a mente conceitual e sentir o conteúdo que fundo nos toca, em vez de apenas raciociná-lo.

Confessar ao nosso interior a necessidade de parar de "*inventar tempestades para testar o barco*", é possível sentir-se acolhido, mesmo que vivamos hipervigilantes ou sobrecarregados pelos problemas do mundo.

A poesia transforma o rigor das **Leis Morais** em um afeto curativo, sintonizando a alma com a harmonia dos **Mundos Felizes**. Helio Abreu Filho.

O IMPERATIVO DO "SEDE PERFEITOS" E A ESCALADA ESPIRITUAL

O estudo da moralidade humana no contexto da Doutrina Espírita afasta-se radicalmente de qualquer perspectiva puramente dogmática, punitiva ou arbitrária. Conforme os princípios límpidos da Codificação de Allan Kardec, as leis que regem o comportamento e o destino da alma não constituem imposições externas ou ordenações passageiras, mas reflexos vivos da própria Lei Divina inscrita no sacrário da consciência.

Quando o Mestre de Nazaré proferiu pelos vales da Galileia o inesquecível imperativo "*Sede perfeitos*", não estabeleceu uma cobrança opressiva ou inalcançável para a fragilidade humana. Ao contrário: ofereceu o roteiro de navegação para a reengenharia da alma. Tratava-se do convite definitivo para que o espírito em evolução vislumbrasse, além da poeira dos caminhos terrenos, as gradações infinitas de progresso que conduzem, degrau a degrau, à glória dos Mundos Felizes.

Para compreender essa engrenagem de ascensão rumo ao espectro crístico, torna-se indispensável analisar com clareza e sensibilidade três conceitos fundamentais que sustentam a marcha do espírito: **o dever, as obrigações e a responsabilidade**, todos umbilicalmente ligados ao exercício soberano do **livre-arbítrio**. Embora frequentemente confundidos na linguagem cotidiana, esses termos possuem contornos filosóficos e psicológicos distintos, cuja assimilação é a chave para a vivência plena da fé raciocinada.

O CRITÉRIO DA FÉ RACIOCINADA

O ponto de partida desta investigação alinha-se rigorosamente ao método de Allan Kardec. O Codificador recusou os dogmas apriorísticos e as crenças cegas, adotando o critério da concordância universal dos ensinamentos dos Espíritos e submetendo cada revelação ao crivo implacável da lógica, do bom senso e da observação.

Acompanhar esse método é compreender que a evolução do ser não ocorre em uma linha rígida e implacável, destituída de misericórdia. O princípio do recomeço surge no pensamento espírita como a expressão mais alta da justiça de Deus. A marcha evolutiva

acolhe as falhas do ser em aprendizado, facultando-lhe sempre a abençoada oportunidade de refazer os passos, reajustar as sintonias e prosseguir no cumprimento do seu destino de luz.

A TRIÁDE MORAL: DEVER, OBRIGAÇÕES E RESPONSABILIDADE

Ao adentrarmos o desenvolvimento do tema, percebemos como a lei moral articula com precisão os movimentos da liberdade humana:

1. O Dever: O Imperativo Categórico da Consciência

Sob a ótica espírita, o dever representa a linha reta do bem, a bússola absoluta que precede as conveniências do ego. Ele não é uma convenção social negociável, mas a expressão direta da justiça e da caridade aplicadas a cada circunstância da vida. O dever é impositivo porque decorre da própria ordem natural do Cosmos; o indivíduo pode ignorá-lo temporariamente, atrasando a sua marcha, mas jamais conseguirá anulá-lo. A sua violação atrai inevitavelmente a ação educativa da Lei de Causa e Efeito, que ecoa na intimidade da alma sob a forma de remorso e desarmonia, convidando o ser ao reajuste.

2. As Obrigações: O Tecido das Relações e das Escolhas

Se o dever é o princípio absoluto da lei moral, as obrigações pertencem ao plano prático das contingências e dos laços que abraçamos na jornada terrena. É no exercício do livre-arbítrio que o indivíduo escolhe contrair determinados vínculos — uma profissão, a constituição de uma família, a participação em uma instituição ou compromissos sociais. Todavia, uma vez assumidas essas posições, o cumprimento fiel das obrigações transforma-se em um dever moral derivado. O livre-arbítrio atua na gênese da escolha; a lei moral, por sua vez, exige a fidelidade aos compromissos empenhados.

3. A Responsabilidade: O Peso Proporcional da Liberdade

A responsabilidade surge como a consequência direta, justa e inelutável do livre-arbítrio. Como ensina *O Livro dos Espíritos*, a responsabilidade moral de cada ato é estritamente proporcional ao grau de inteligência, de discernimento e de clareza de consciência de que o agente dispõe. Quanto mais o ser se ilumina a respeito das Leis Divinas, maior se torna o peso moral de suas opções. A ignorância atenua a gravidade da falta, mas não anula a necessidade do aprendizado. Não existe liberdade sem a balança da responsabilidade correspondente.

OS TRÊS MANANCIAIS DA CODIFICAÇÃO

A articulação entre esses princípios ganha solidez quando analisamos como Allan Kardec distribuiu essa temática pelas obras fundamentais da Codificação:

1. O Evangelho Segundo o Espiritismo: A Prática e a Solidariedade

No Evangelho, o dever ultrapassa o mero cumprimento legalista de códigos humanos para se converter no exercício ativo da caridade e do amor ao próximo. O ensinamento evangélico estabelece que o verdadeiro dever começa onde o egoísmo termina, exigindo o sacrifício do interesse pessoal em prol do bem comum. Ao desmistificar rituais e absolvições automáticas, reafirma-se a máxima "*a cada um segundo as suas obras*", demonstrando que a consciência é o tribunal interno do qual ninguém se furta.

2. O Livro dos Espíritos: A Base Filosófica e Cósmica

Em *O Livro dos Espíritos*, perscruta-se a fundação universal das Leis Morais. O livre-arbítrio revela-se como um atributo inerente ao espírito em expansão. O desvio moral e a negligência do dever não geram castigos divinos arbitrários, mas desencadeiam processos pedagógicos de causa e efeito. Através da bênção das existências sucessivas, o sofrimento corretivo desperta a alma para a realidade cósmica, garantindo o progresso de todos os seres.

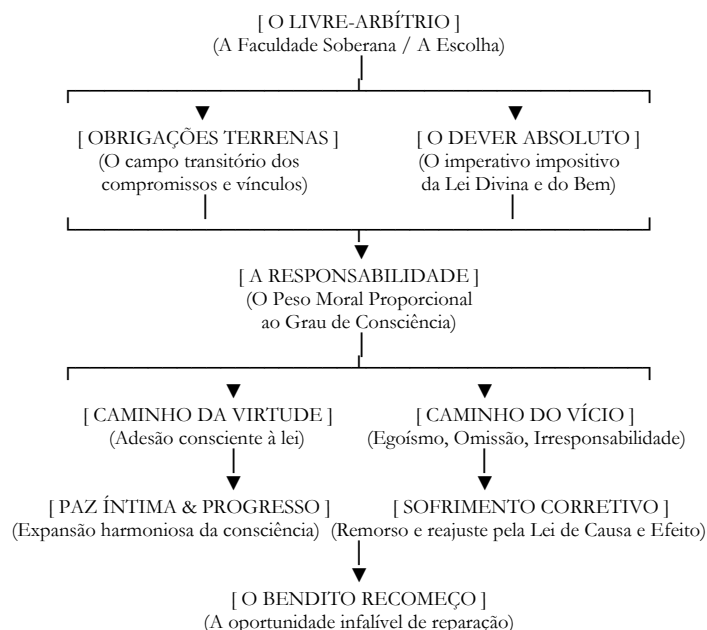
3. O Livro dos Médiuns: A Ética no Intercâmbio Espiritual

Ao examinar a prática mediúnica, a Codificação demonstra taxativamente que a faculdade jamais anula o livre-arbítrio ou isenta o médium de sua responsabilidade moral. O exercício mediúnico exige desinteresse material, modéstia, vigilância de pensamentos e rigorosa fidelidade ao bem. Pela lei de afinidade vibratória, o médium atrai os Espíritos que se harmonizam com o seu mundo íntimo, tornando a reforma moral uma obrigação inafastável para quem deseja servir à luz.

O ARQUÉTIPO DO APRENDIZADO: "O PEREGRINO DA LIBERDADE RESPONSÁVEL"

O cruzamento desses eixos conceituais dá forma a um modelo psicológico e espiritual luminoso: *O Peregrino da Liberdade Responsável*.

Esse arquétipo representa o espírito em sua travessia gradual da infância moral — na qual agia movido pelo instinto, pelo egoísmo e pela ilusão de poder burlar as leis universais — em direção à plena maioridade espiritual. Na maturidade, o Peregrino compreende que a liberdade verdadeira não consiste em satisfazer os caprichos do ego, mas em harmonizar consciente e amorosamente a sua vontade individual com a Vontade Divina.



Nessa jornada de reengenharia da alma, o Peregrino evoca a própria caminhada sublime de Jesus entre as tribos e agrupamentos do mundo antigo. Tal como o Mestre que percorreu diferentes regiões conectando-se às egrégoras humanas para semear a verdade e o

amor, o espírito consciente transita pelas variadas experiências da Terra construindo pontes de fraternidade.

Ele passa a sintonizar o "cântico celeste" — aquela vibração de harmonia que atravessa o universo — e assimila o "som das estrelas", permitindo que a intuição, simbolizada pela luz permanente da Estrela de Belém, guie seus passos na direção do espectro crístico.

A GÊNESE E A PLASTICIDADE DOS FLUIDOS: A RESPONSABILIDADE MENTAL

Essa caminhada de transformação moral encontra respaldo direto na física espiritual explicada em *A Gênese* (Capítulo XIV). A mente humana, ao emitir pensamentos e disparar feixes de vontade, atua como um verdadeiro cinzel sobre o fluido cósmico universal. As irradiações mentais não vagam de forma amorfa; elas corporificam, nas pontas de suas linhas irradiantes, a imagem exata do mundo íntimo do agente:

1. **As Projeções de "Estórias" Íntimas:** Mentes presas ao passado, à culpa ou aos apegos materializam no fluido circundante as cenas e paisagens psicológicas de suas memórias.
2. **As Formas Zoomorfas e Atávicas:** Quando a vontade é dominada por paixões inferiores e instintos descontrolados, as irradiações condensam-se em formas densas e zoológicas, que espelham o teor grosseiro dos desejos.
3. **As Formas Geométricas de Luz Harmônica:** À medida que o Peregrino se purifica e alinha o seu propósito com o imperativo do "*Sede perfeitos*", as emissões mentais transformam-se em eflorescências de luz pura, cores suaves e geometrias harmônicas, que irradiam paz e elevação para todo o ambiente.

Compreender a plasticidade dos fluidos redimensiona a nossa responsabilidade ética. O pensamento é criação ativa. A qualidade das formas que esculpimos no oceano fluídico do universo depende exclusivamente da pureza de nossas intenções e da disciplina de nossa vontade sob a égide da caridade.

CONCLUSÃO: O BENDITO RECOMEÇO E A CONQUISTA DO DESTINO

A articulação entre dever, obrigações, responsabilidade e livre-arbítrio revela a extrema beleza da arquitetura moral espírita. O dever aponta a direção do bem; as obrigações concretizam o nosso aprendizado no tecido social; a responsabilidade mensura a nossa maturidade; e o *sagrado direito ao recomeço* garante que a Justiça Divina se cumpra sempre através da pedagogia do amor.

O erro e o vício não têm o poder de anular o destino glorioso do espírito; são apenas tropeços temporários que a Lei de Causa e Efeito corrige com firmeza e misericórdia. Ao abraçar a reengenharia da alma com serenidade e coragem, o Peregrino deixa de ser joguete das dores do mundo para tornar-se coautor de seu próprio destino, caminhando de forma consciente e jubilosa rumo ao concerto sublime dos Mundos Felizes.

Contudo, para além das deduções lógicas e do rigor doutrinário, a verdadeira reengenharia da alma requer um instante de recolhimento onde a razão cede suavemente o lugar ao sentimento puro. Convidamos o leitor a pousar por um momento as ferramentas da análise e adentrar o *Anexo Contemplativo a seguir* — um oásis poético oferecido aos espíritos em devaneio, para que a iluminação da mente se converta na paz inefável do coração.

ANEXO CONTEMPLATIVO

A Pausa do Peregrino: Cântico para a Reengenharia do Ser

"Vinde a mim, todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei." Jesus (Mateus, 11:28)

Para uma imersão profunda e serena durante a leitura deste cântico, recomenda-se a apreciação ao piano de: - Franz Liszt — Consolation No. 3 em Ré Bemol Maior (ou Erik Satie — Gymnopédie No. 1)

Cessei, finalmente, de inventar tempestades
apenas para provar a resistência do meu barco.
Reconheço o cansaço sublime dos velhos combates
e desfaço as armaduras que eu mesmo forjei no aço do tempo.
Por anos, fiz do drama a minha oficina,
buscando nas dores alheias a justificativa para a minha própria marcha,
e nas minhas batalhas, a prova de que eu existia.
Mas a alma não nasceu para a contenda perpétua;
nasceu para a sinfonia.
Hoje, abro as comportas da mente e admito a fluidez.
Permito que a reengenharia do Espírito aconteça
não pelo látego do sofrimento, mas pelo toque suave da beleza.
A poesia se torna a minha prece sem palavras dogmáticas;
a música, a ponte invisível que me devolve à Pátria da Luz.
Que silenciemos, por um instante, o ruído dos devaneios.
Que o rigor da filosofia encontre o abraço do sentimento,
e que a razão compreenda, enfim, a mansidão do convite crístico.
Não sou mais o soldado ferido na arena da vida.
Sou o Peregrino que aprendeu a escutar a Estrela de Belém
e a caminhar com o Mestre pelos vales da serenidade.
Aqui, na pausa da prece e no acorde do silêncio,
minha alma descansa.
E na paz encontrada, finalmente renasço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENIS, Léon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Brasília: FEB. (Aborda a evolução progressiva da consciência, as forças da vontade, o livre-arbítrio e a construção do destino).

EMMANUEL (Espírito). *Pensamento e Vida*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB. (Aprofunda a ação da mente, a mecânica da emissão fluidica e a responsabilidade moral sobre as formas-pensamento).

KARDEC, Allan. *A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB. (Contém a teoria dos fluidos, a plasticidade perispiritual, a ação da vontade sobre a matéria sutil e o papel das irradiações mentais).

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB. (Fundamentação da moral cristã universal, o alcance dos deveres recíprocos, a prática da caridade e a superação do egoísmo).

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB. (Parte Terceira — Das Leis Morais; trata da Lei de Liberdade, da Lei de Causa e Efeito, das gradações do livre-arbítrio e da responsabilidade proporcional).

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB. (Exame da prática mediúnica, o controle da faculdade, a lei de afinidade e a vigilância ética no intercâmbio espiritual).